

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

ROBERTO CARLOS NO INFERNO



GÉRGIA LIMA

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

p227
CX. 14

ROBERTO CARLOS NO INFERNO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 — FONE: 92-7613
SÃO PAULO-6

Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

ROBERTO CARLOS NO INFERNO



Outra vez Roberto Carlos
Aparece no cenário
Da nossa imaginação,
No grande palco lendário,
Onde vamos assistir
Mais um drama imaginário.

(Roberto já foi no céu,
Visitou o Plano Eterno,
Porém não pode parar,
No seu destino moderno,
Sem saber como ou porque,
Foi parar lá no inferno).

As cortinas levantadas,
Vemos um quadro surgindo
Uma cidade horrorosa,
As velhas tôrres caindo,
Um aspecto degradante
E o fumaceiro cobrindo.

Vemos pelas casas velhas
Uns esqueletos passando,
Num velho portão de ferro,
Um porteiro dormitando,
Com uma guitarra às costas
Um môço se aproximando.

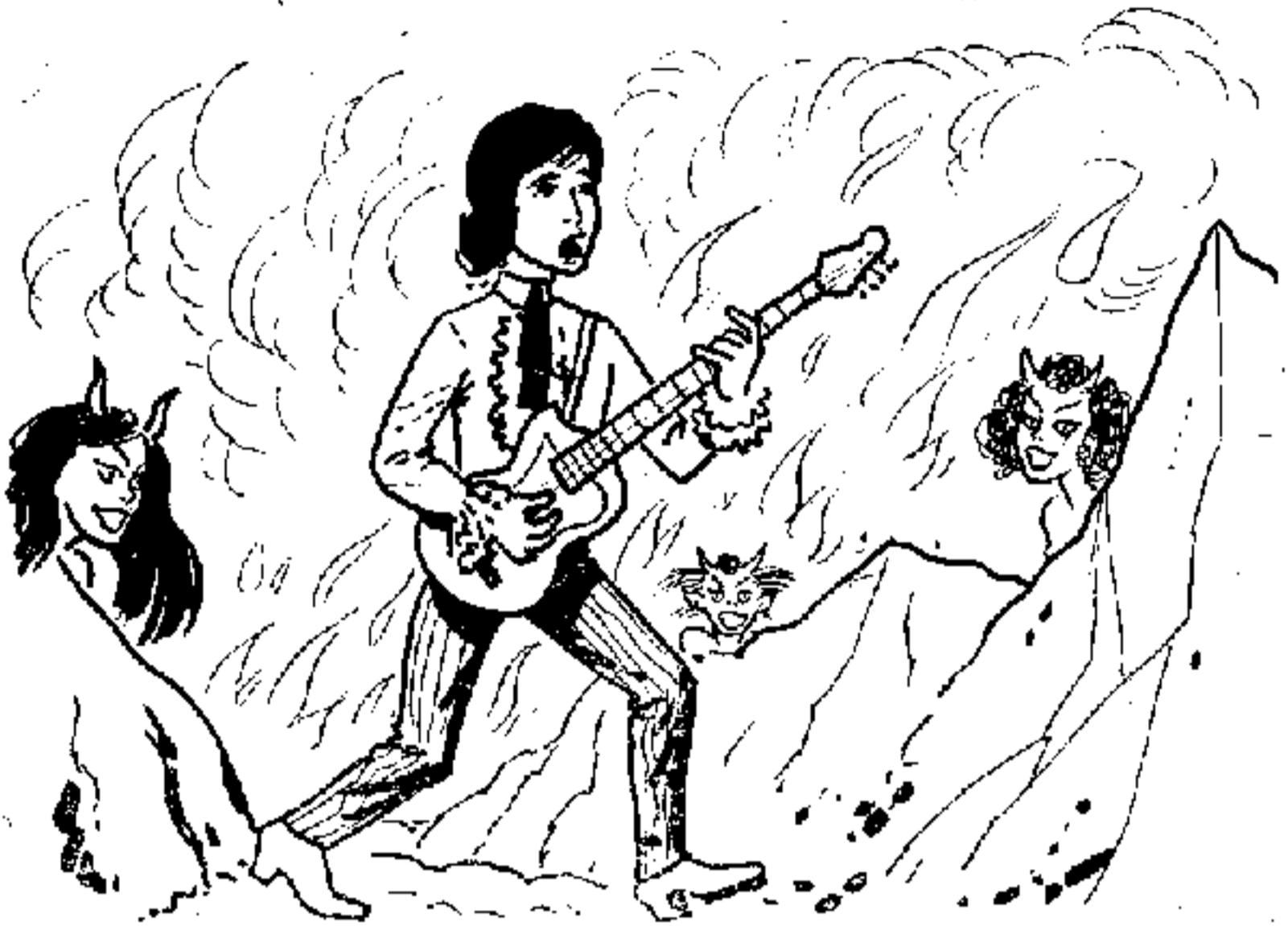
É Roberto Carlos que,
Com disposição e garra,
Para acordar o porteiro,
Empunhou sua guitarra
E cantou: "Eu sou Terrível",
O diabo acordou na marra.

Levantou-se sonolento,
Com um tridente na mão,
Perguntou: — Quem é você,
Com tanta disposição,
De onde vem, quem lhe mandou,
Aqui fazer confusão?

Saiba que está no inferno,
Barulho aqui é demais,
Não há sossego um segundo,
Entre gemidos e ais,
Dentro de tanta zoadá...
Vem você aumentar mais?

Não estou lhe distinguindo,
Se cubra como puder,
Mesmo de calça e camisa,
Responda o que você quer,
Com esse cabelo grande
Não sei se é homem ou mulher.

Enquanto isso Roberto
Continuava cantando,
Pelo muro do inferno,
Pouco a pouco iam assomando,
Cabeças das diabas mógicas
Para Roberto acenando.



O porteiro continua:
— Pare com êsse chamêgo,
Se você não se calar
Eu vou perder meu emprêgo,
Será que nem no inferno
Ningnêm pode ter sossêgo!

Roberto disse: — É por isso
Que mudei de regiões,
Aqui só existem dores,
Gemidos, lamentações,
Para alegrar mais um pouco
Vim cantar umas canções.

— Você aqui não penetra,
 O porteiro respondeu,
 Não tem o menor direito,
 Porque nem sequer morreu!
 Mesmo com êsse cabelo
 Só parece com judeu...

Cumprindo as ordens do chefe,
 Passo por cima de tudo,
 Aqui no portão não entra
 Barbado nem cabeludo,
 Quase morro de uma pisa
 Que já levei de um barbudo.

Foi um homem que andava
 Hospedado pelos ranchos,
 Comendo com os pecadores,
 Depois foi prêso com "ganchos",
 Morreu sem se lamentar
 Pendurado nos "garranchos".

(Pelo que o porteiro disse,
 Êsse HOMEM foi Jesus,
 Os "ganchos" foram os pregos,
 Os "garranchos" foram a cruz,
 Que o diabo não diz o nome
 Porque tem medo da luz).

Por isso você não entra
 Mostra ter parte com Ele,
 Tem aparência de quem
 Acredita muito n'Ele,
 Eu ainda sinto a dor
 Do pêso do braço d'Ele.

Pombas e mais outras aves
No Templo eu estava vendendo,
Junto com outros colegas
Ele foi passando e vendo,
Deu-me tantas chicotadas
Que saí de lombo ardendo.

Roberto disse: -- Porém
Eu possuo algum direito
De passar para saber
Por aqui o que foi feito
De umas coisas que mandei
Para o Satanás dar jeito.

Desejo saber se tódas
Chegaram aqui direitinho
Ou se alguma se perdeu,
Embriagada com vinho,
Ficou dormindo nas nuvens
Ou mesmo errou o caminho.

O porteiro respondeu:
— Não sei do que está falando,
Seus fás não têm vez aqui,
Por quem está perguntando?
Os bons ficam lá em cima
Com o **HOMEM GRANDE**
[morando.]

Roberto disse: — Não foram
Os meus fás, os que enviei,
Foram elementos maus
Que lá selecionei,
Tudo quanto não prestava,
Fiz uma trouxa e mandei.

Tristeza, aborrecimento,
Inveja, crime, maldade,
Tormento, dor, agonia,
Ambição, perversidade,
Vingança, gula, avareza,
Ira, intriga e falsidade.

Foi tudo quanto mandei,
Quero saber se chegou,
O porteiro disse: — O chefe
De nada disso gostou,
Nosso estoque está completo,
A medida transbordou.

De tudo que é ruim aqui,
Temos em grande porção,
Vai aumentando o estoque,
Com a super-produção,
Precisamos exportar
Por causa da inflação.

Roberto disse: — Por que
Vocês não mudam de vida,
Não desistem de ser maus,
Nessa carreira homicida?
Seria uma solução,
Talvez, a melhor saída.

O porteiro achou difícil...
Disse: — Roberto, a maldade
É para nós, os demônios,
A primeira qualidade,
Faz parte da nossa vida,
Nossa personalidade.

Roberto disse: — Bobagem,
Deixariam de ser réus,
Se vocês fizessem isso,
Usavam como troféus
Os chifres para cabides...
Guardar roupas e chapéus.

O porteiro retrucou:
— Você quer avacalhar,
Acha pouco o que mandou
Para nos contaminar?
Nem pense que com conversa
Aqui não consegue entrar.

Nesse momento um diabinho
Abriu o portão, olhou
Bem na cara de Roberto,
Deu um grito e disparou...
Saiu correndo e dizendo:
— Roberto Carlos chegou!...

Dentro de poucos minutos,
Ninguém sabe de onde veio
Tanto diabo e tanta diaba
Que o portão estava cheio,
O porteiro quase corre
Vendo a patroa no meio.

As diabas mógicas gritavam,
Como que ficaram loucas,
Tôdas pediam autógrafos,
De gritar ficavam roucas,
Porque não havia força
Que calasse àquelas bocas.

O porteiro estava louco,
Falou com estupidez:
— Calem essas bocas, malditas,
Se não eu parto de vez,
Em dois segundos apago
Esse fogo de vocês...

Aí a diabona disse:
— Que é isso, perdeu a linha,
Será que não me conhece?
Sou Proserpina, a rainha,
Não admito ninguém
Gritar com uma filha minha.

Veja bem que sou rainha,
Espôsa de Satanás,
Aqui dentro do inferno,
Ninguém rasga meu cartaz,
Baixe a cauda, cale a boca,
Que eu vou falar com o rapaz.

O porteiro quis falar
Porém achou não dar certo,
Saiu com o rabo entre as pernas,
Deixou o portão aberto...
Quando madame Satã
Disse: — Pode entrar, Roberto.

Olhando de perto disse:
— Vê-lo aqui pessoalmente,
Parece até ser mentira
Ou um engano da mente,
Por que não veio há mais tempo
Para dar prazer a gente?

O nosso televisor,
Desde o dia dezessete,
"Pifou" e se alguém conserta
O defeito se repete,
Assim não podemos mais
Assistir o Canal Setc.

Penso que foi algum diabo
Que tem raiva de você,
Por não poder dominá-lo,
Essa é a razão e o porquê
Nós não assistimos mais
A festa do "iê, iê, iê".



Lá longe o porteiro disse:
Eu nunca vi tanto rôgo,
Essa macaca maldita
Está fazendo o seu jôgo,
Se o patrão fechar os olhos
Vai cair num mar de fogo.

Nisso Proserpina disse:
— Roberto, os seus sentimentos
São diferentes dos nossos,
Para todos os momentos,
Venha que lhe vou mostrar
Os nossos departamentos.

Foi assim como Roberto,
Pela diaba acompanhado,
Entrou no reino das trevas,
Cauteloso, com cuidado,
Olhando os departamentos
Num vasto campo cercado.

Havia uma fila enorme,
Em cada departamento,
Quem entrava não saía,
Era grande o movimento,
Cada porta tinha escrito:
MORADA DO SOFRIMENTO.

Roberto parou confuso,
Com pena dos infelizes,
Leu, para maior surprêsa,
Letras em vários matizes,
Todos os departamentos
Tinham nomes de países.

França, Inglaterra, Alemanha,
Coréia, Bulgária, China,
Turquia, Rússia, Japão,
Peru, Bolívia, Argentina,
Espanha, Cuba, Polônia,
Vietnam, Conchinchina.

Também dos outros países
Que não foram aqui citados,
Todos os departamentos
Estavam superlotados,
Roberto viu uma fila
Batendo em portões fechados.

Ele não compreendendo
Aquela situação,
Em cada departamento
O nome de uma nação,
A mulher de Satanás,
Pedi uma explicação.

A rainha respondeu:
— Com as guerras mundiais,
Nossa clientela aqui
Aumentou de mais a mais,
A ponto de precisarmos
Mudar as leis infernais.

Os países aumentaram,
Houve a maior confusão,
Quando um cliente chegava,
Pela identificação,
Ninguém já não entendia
Onde ficava a nação.

O trabalho era demais,
Chegava em cada segundo
Dez, doze mil condenados,
De pé inchado, ôlho fundo,
Não tinha diabo que desse
Para atender todo mundo.

Assim, nos departamentos,
O trabalho é dividido
Agora, cada cliente,
Quando chega é atendido,
Pelo seu próprio país,
O seu caso é resolvido.

Para não haver censura,
Nos nossos departamentos,
A lei é igual em todos,
Com os mesmos tratamentos,
Não há nenhum privilégio,
No modo dos sofrimentos.

Duzentas mil chibatadas
Cada um leva à altura
Dos pulmões, cobrindo as costas,
Depois recebe a quentura
Num velho forno que tem
Mil graus de temperatura.

Na hora que sai do forno
Cai êsse supliciado
Dentro de uma geladeira,
Só sai quando tem passado
Cem graus abaixo de zero,
Para ficar temperado.



Disse o Brasa: — A marmelada
Não há lugar que não ande,
Veja ali daquele lado,
Por que não há um que mande
Naquele departamento
Daquela fila tão grande?

Ela disse: — Não espalhe,
Seja mais calmo e gentil,
Aquela fila que tem
A média de trinta mil,
Pertence ao departamento
Da divisão do Brasil.

Roberto disse: — E por que
Dos demais é diferente?
Ela respondeu: — Se engana
Quem pensar maldosamente,
O tratamento é o mesmo,
Mesma lei, mesmo ambiente.

Só que o forno e a geladeira
Não funcionam na hora,
O tipo das chibatadas,
Vem porém não tem demora,
Chega às onze, assina o ponto,
Onze e cinco vai embora.

Pela grande rapidez
Que chega e sai, vai e vem,
Viaja, brinca e passeia,
Nenhum descanso não tem,
O trabalho é tanto que
Não pode atender ninguém.

Muitos passam nessa fila,
Dez, doze anos plantados,
Cansados voltam à terra,
Do caminho são levados,
Para o Alto aonde são,
Muitas vezes, perdoados.

Roberto pensou e disse:
— Até que a nossa indolência
Serve para alguma coisa,
No campo da paciência,
Tudo tem razão de ser,
Pela lei da Providência.

Roberto com Proserpina,
Continuando o passeio,
Já noutra departamento,
Foi ouvindo um tiroteio,
Como de metralhadora,
Sem atinar de onde veio.

Parou assustado e disse:
— Não sigo mais para frente,
Parece que por ali
Estão metralhando gente,
Madame Satã lhe disse:
— É mudança de ambiente.

Aquêlê departamento
É do regime cubano,
Todos que chegam de lá
Trazem a marca do engano,
Para completar a obra,
Aqui entram pelo cano...

Para dar mais uma prova
Do regime o quanto é bom,
Cada um que vem de lá,
Passa pelo "Paredon"...
Porém quem está de fora
Dos tiros só ouve o som.

Mais quatro departamentos,
De países conhecidos,
Aqui fazem confusão,
Na chegada dos punidos;
Os quatro se tornam em oito,
Em regimes divididos.

Os quatro países vivem
Na terra em grande campanha,
Cada um tem dois regimes,
Ninguém não sabe quem ganha,
São eles: Vietnam,
China, Coréia, Alemanha.

Quando chega um condenado
Que não acerta o portão
Do lado do seu regime,
Há a maior confusão...
Pancadas, gritos, gemidos,
Que fazem tremer o chão.

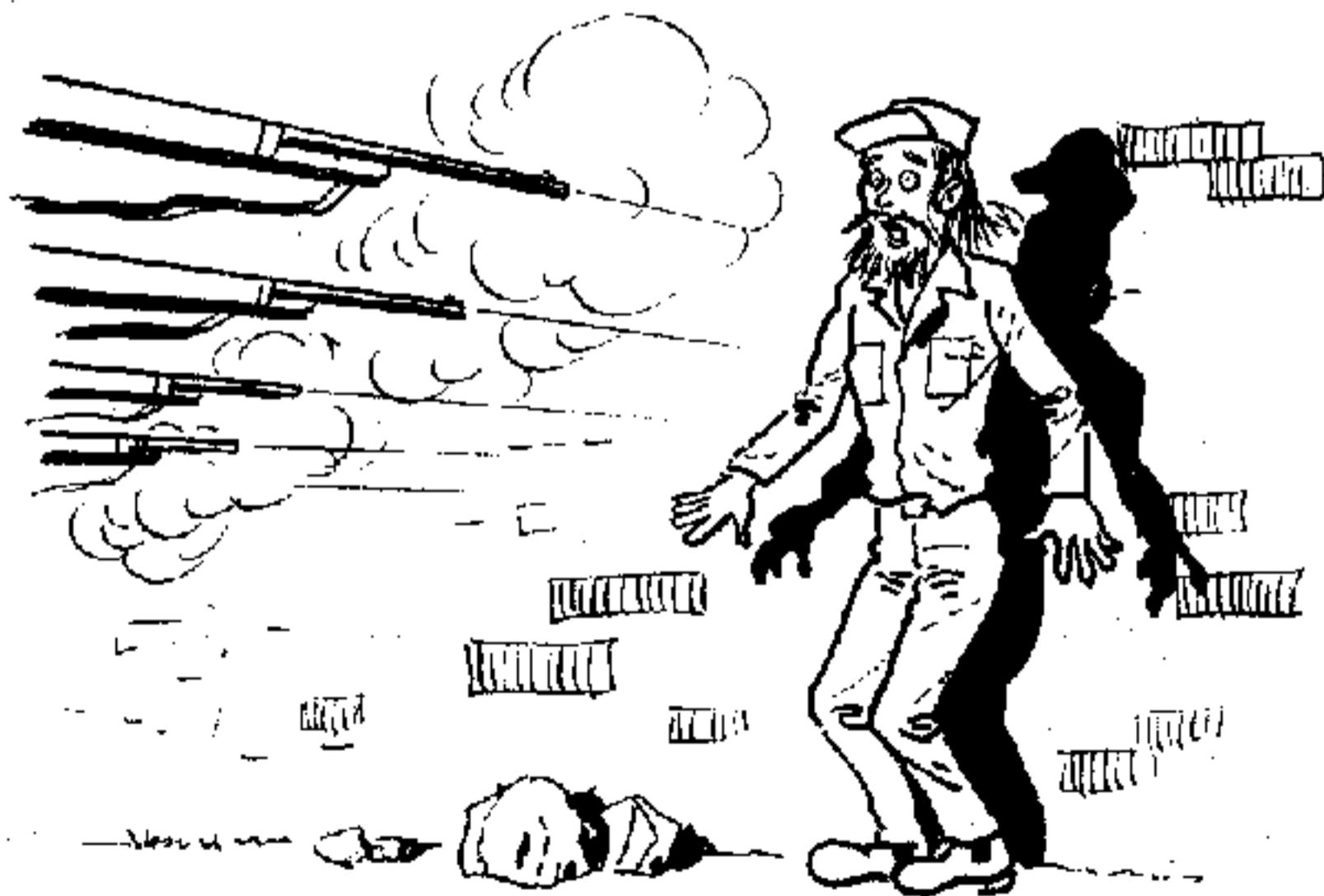
Por exemplo: quando chega,
Da Alemanha Oriental,
Um elemento que quer
Atravessar o canal
Ou o "Muro da Vergonha",
Para o lado Ocidental...

Inocente vai passando,
Pensando que pode ir...
Quando entra no portão,
Vê-se o cacete cair...
A polícia do inferno
Tem que forçada intervir.

Armada de cassetete,
Metralhadora e facão,
Entra no departamento
Onde está a confusão,
Prende todos os valentes
Na "Cratera do Vulcão".

É a prisão mais terrível
Que acaba com toda raça,
Os que são jogados lá,
Sobem todos na fumaça,
Viram cinza pelos ares,
Como uma nuvem que passa.

Roberto disse: — Eu pensei
Que cada departamento
Possuísse autoridade
De fazer seu julgamento,
Sem haver interferência
Com processo violento.



Ela disse: — Se deixássemos,
Eles nos dominariam,
Com seus sistemas políticos
De guerras terminariam
Soltando bombas atômicas
Que nos exterminariam.

Por isso temos a força
Para os seus devidos fins,
Porém não vamos dar bolas
Para essas coisas tão ruins,
Vamos andar mais um pouco
Dentro dos nossos jardins.

Rodeados de diabinhos,
Continuaram a jornada,
Roberto ouviu uma música
Tão feia e desafinada
Que parecia sair
De uma taboca quebrada.

Roberto, como atraído,
Foi seguindo em direção
Daqueles pobres acordes
Que não tinham afinação,
Até que avistou um fogo
Em frente a um cidadão.

Era um homem muito gordo,
Sentado numa cadeira,
Mostrando a cara de mau,
Com uma vasta cabeleira,
Tocando uma velha cítara,
Olhando para a fogueira.

Madame disse, apontando:
— Esse é Nero, tem mania
De tocar olhando o fogo,
Relembrando a tirania
Que tocava quando Roma
Em fogo se derretia.

Quando êle incendiou Roma
Pôs a culpa nos cristãos,
Sacrificou nas fogueiras
Muitos milhares de irmãos,
Assinando os sacrifícios
Com as suas próprias mãos.

Iluminou os jardins
Da sua rica mansão
Com três mil tochas humanas,
Em cada poste um cristão
Vivo foi bem amarrado,
Ensopado de alcatrão.

Quando foram incendiados
Houve energia de graça,
O clarão iluminou
Todos os cantos da praça,
Nero manejava a cítara
Olhando àquela desgraça.

Roberto disse: — Porém,
Ele toca muito ruim,
Vou lhe dar umas lições
Aqui mesmo no jardim,
Madame disse: — Você,
Não pode fazer assim...

Isso porque sua música
Tem a chancela apostólica,
Com os acordes divinos,
Simbologia católica,
Poderia... Se tivesse
Uma feição diabólica.

Nisso chegou um diabinho
Que vinha doido correndo,
Disse: — Mamãe, papai manda
Saber o que está fazendo,
As voltas com um cabcludo,
O que está acontecendo?

Madame disse a Roberto:
— É meu marido que quer
Conhecer você de perto,
Vamos lá, dê no que der,
Ele agora vai saber
Quanto vale uma mulher.

Entraram numa caverna
Que tinha a cor como as telhas,
Tão quente que até o vento
Deixava as pedras vermelhas,
Roberto enquanto passava
Via voando as centelhas.

O calor era tão grande
Que fazia sufocar:
Roberto ia imaginando:
Este será o lugar
Que faz um sêr virar cinza
E pelos ares voar?



Passaram becos e salas,
Até que chegaram enfim
Num vasto salão que tinha
As paredes de marfim,
Cadeiras de prata e ouro,
Cortinas de cetim.

Bem no centro havia um trono
Na altura de três casas,
Onde Satanás sentado
Agitava as suas asas,
Vestindo um manto enfeitado
Com mais de duas mil brasas.

Botando fogo dos olhos,
Da venta, bôca e ouvidos,
Cuspindo, de vez enquando,
Vários metais derretidos,
Línguas de fogo cobrindo
Os velhos chifres roídos.

Proserpina foi chegando
Disse: — Pronto, meu marido,
O que deseja de mim,
Por que está aborrecido?
Satanás disse: — É porque
Foi o inferno invadido.

Quero que você responda,
Se está fazendo paleio,
Quem é êsse cabeludo,
Quem o mandou, de onde veio,
Quem lhe deu autoridade
Para entrar em nosso meio!

— Este é o rei Roberto Carlos,
Exclusivo da Tê-Vê...
Reina em terras do Brasil
No trono do "iê, iê, iê",
Entrou por mim convidado,
Nada interessa a você.

Nisso Satã deu um berro
Que o inferno estremeceu,
As labaredas cobriram
Chuva de fogo desceu:
— Você está enganada,
Aqui quem manda sou eu!

Eu sou o rei do inferno,
Aqui em mim ninguém manda,
Ele sai agora mesmo
Ou a madeira desanda,
Porque ou venço, ou meu reino
Virou ou desaba uma banda.

Madame disse: -- Você,
Daqui não pode sair,
Lembre-se que o seu orgulho
Um dia lhe fez cair
Do Alto nestas profundas
Nunca mais pôde subir.

Nisso os diabinhos presentes
Deram uma tremenda vaia,
Madame continuou:
— Veja bem, daí não caia,
Se não vai ser amarrado
No rabo da minha saia.

Satanás deu outro berro,
Soltando uma cusparada,
Que cobriu tudo de fogo,
Dizendo: — Mulher danada,
Não sou eu que vou cair
Nunca na sua jogada...

Madame disse: — Que é isso,
Cara de "saia-godê"?
Aqui também sou rainha,
E tenho força porque
Você manda no inferno
Porém eu mando em você.

Por que você vem dar bronca?
Não tem "alhos nem bugalhos",
Sempre sou eu que lhe ajudo
Nos mais diversos trabalhos,
Quando está muito apertado
Sou eu que lhe quebro os
| "galhos".

Se você continuar
Aqui se metendo a brabo,
Quebro-lhe os chifres de pau,
Depois dou-lhe um nó no rabo
Que nem sua mãe desata,
Todo o seu poder acabo.

Cale-se, fique entupido,
Se não lhe arranco o bigode,
Corto-lhe as unhas de gancho,
Tiro-lhe o cheiro de bode,
Saiba bem que com mulher
Nem o Satanás não pode.

Satanás compreendendo
Que não contava vantagem,
Mais calmo, disse: — Querida,
Você não vai ter coragem
De fazer essa desgraça,
Deixe de tanta bobagem.

Proserpina, aproveitando,
Disse; — Eu sou mulher de fato,
Claro que vou... Se você
Continuar sendo chato
Que não vou ficar pisada
Pelos seus dois pés-de-pato.

Se não gosta mais de mim,
Pode me deixar agora,
Agarre uma sirigaita,
Pegue a reta e caia fora,
Vá fazer o seu inferno
Na Serra da Catapora.

Satã respondeu: — Agora,
Não posso deixar os nossos,
Já estou velho e cansado,
Não posso levar meus troços,
Você comeu minha carne,
Beba o sangue e roa os ossos.



Por mim pode fazer tudo
Como uma rainha faz;
Porém o seu convidado,
Quando mostrar o cartaz,
Ao mais depressa possível,
Deixe o nosso inferno em paz.

Nisso as diabinhas pediram
Para Roberto cantar
Uma canção bem bonita
Com que pudesse apagar
O fogo da discussão
Que precisava parar.

Roberto aceitou e disse:
— Vou cantar para o rei Demo
E todos aqui presentes,
Na guitarra nada temo,
Uma canção premiada
No Festival de San Remo.

Quando Roberto acabou
A palavra ouviu um grito,
Desmaios e correrias,
Ele ficou muito aflito,
Sem saber o que havia
Naquele salão maldito.

Foi quando Satã falou:
— Pode cantar a canção,
Falando somente em Remo,
A outra palavra, não,
É proibida aqui dentro,
Dá cancro, sarna e sezão.

Roberto compreendendo
Não disse a palavra SAN,
Cantou CANZONE PER TE,
Conquistando mais um fã,
Entre aquela multidão,
Satisfazendo a Satã.

Roberto foi aplaudido,
Como numa psicose,
As diabinhas pareciam
Estar sofrendo neurose;
Um sucesso retumbante,
Verdadeira apoteose...

As diabas pediram bis,
Roberto não fêz questão,
Depois tôdas reunidas
Foram levá-lo ao portão,
Despediu-se e foi saindo
Cantando NOSSA CANÇÃO.

As diabas tôdas ficaram
No portão a suspirar,
Lamentando que Roberto
Lá não pudesse ficar,
Como não havia jeito,
Só se vingaram em chorar.

Roberto de longe ouviu
Madame Satã dizer:
— É mesmo uma brasa, mora!
Só bota para valer...
A brasa dêle é tão quente
Que faz pedra derreter.

Nesse momento, Roberto,
Sentindo um grande calor,
Abriu os olhos, na cama,
Tendo na bôca o sabor
De um sorvete apetitoso
Que tinha um gôsto de flor.

Olhando pela janela,
Viu do dia a claridade,
Pensou consigo: que coisa,
Fugiu a realidade!...
Se eu não estivesse dormindo
Pensava até ser verdade.

Assim foi como Roberto
Libertou-se de Satã,
Muito forte como é,
Entre a sua vida sã,
Inimigo êle não tem,
Deus dá a quem faz o bem
As glórias do amanhã.



Seleções de

CARTAS DE AMOR

Apresentando uma nova série de famosos "scripts" das "Cartas de Amor", de Fred Jorge, tão apreciadas quando de suas transmissões pela Rádio São Paulo.

Inspirado!... Ternol... Arrebatador!



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

Um mestre para os enamorados:

Secretário do Amor

Moderno e completo

Atualizado e atruente

Realmente útil

Fórmulas de cartas para todos os períodos do namoro e do noivado.



Peça a seu vendedor ou à EDITORA PRELUDIO LTDA.
Rua Ipanema, 772 — SÃO PAULO-6

32-48 → 150 → 500 a 600
 16 - 80 → 400
 8 - 50 → 300

VOCÊ DEVE LER?!

O mundo moderno oferece novos veículos de educação. O rádio e a televisão levam aos mais distantes recantos do mundo, sons e imagens de todos os acontecimentos.

Mas a pedra básica da educação ainda repousa sobre os livros. São os melhores amigos. Qualquer livro bom. Qualquer leitura sadia. Tanto uma obra filosófica, pesada e grandiosa como a simples literatura em versos.

A literatura em versos, ou literatura de cordel, é a que mais encontra penetração, por ser mais suave, mais fácil de assimilar e mais gostoso de ser lida, pois ela nasce da alma do povo. Nela, além das idéias, encontramos o embalo dos versos e o éco das rimas. Seus autores são homens simples, que refletem no trabalho o sabor inconfundível da vida e da poesia que existe nos temas mais belos, por vezes até mesmo ingênuos. São livros preciosísimos que podem alegrar qualquer tipo de espírito.

Por isso, não nos custa ler mais e mais. Ler sempre para alimentar o que temos de precioso: aquilo que é a verdadeira essência do ser humano: o espírito.

Nas páginas dos livros desfilam paisagens bem descritas, situações maravilhosas, tesouros infinitos de conhecimento, variedades incalculáveis de novas palavras e ensinamentos essenciais. Os únicos monumentos que o tempo não consegue destruir nem corroer são os construídos pela mente humana. São os feitos com o espírito. O ferro, o mármore e o bronze desgastam-se com o passar dos séculos. Mas há um atualismo indestrutível em tudo que foi construído com o espírito, com o material eterno das idéias. Por isso, um dos nossos grandes poetas, Castro Alves, recomendou num dos seus mais empolgantes poemas:

"Ah! Bendito quem semeia
 Livros, livros a mancheias
 e faz o povo pensar.
 O livro caindo na alma
 É fôlha que faz a palma,
 é chuva que faz o mar."

Rua Santa Fé, 50

Meier 7504

VOCÊ SABE PROCURAR
A POLÍCIA EM SEUS INÚMEROS
SETORES,
PRINCIPALMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E
O LOCAL DA OCORRÊNCIA?



VOCÊ SABE PROCURAR O SERVIÇO MÉDICO GRATUITO (PRONTO SOCORRO), SOBRETUDO EM SE TRATANDO DA NATUREZA DO EVENTO?



VOCÊ POSSUI, EM SUA RESIDÊNCIA, OS ENDEREÇOS E TELEFONES DE MAIOR EMERGÊNCIA?



VOCÊ SABE TRATAR DE SEUS DOCUMENTOS, INCLUSIVE AQUELES QUE SÃO EXPEDIDOS PELA POLÍCIA, SEM TER DESPESAS COM INTERMEDIÁRIOS? VOCÊ SABE PREVENIR-SE CONTRA AS ARTIMANHAS DOS MALANDROS ESTELIONATÁRIOS?

VIVA COM MAIS SEGURANÇA SENDO BEM INFORMADO. TENDO SEMPRE À MÃO O

MANUAL PRÁTICO

SOCIAL — MÉDICO — POLICIAL

A venda em todas as livrarias, ou diretamente na
EDITORA PRELUDIO LTDA. - R. Ipanema, 772 - Fones: 92-7613 e 93-1374 - São Paulo-6.
No centro da cidade de São Paulo: — Distribuidora Lamana, à Rua do Seminário, 177